

Beleza e fealdade, argumentos e conclusões

– Bater com uma certa força numa pessoa feia, por exemplo.

– Sim?

– Não deveria ser punido moralmente. Deveria ser considerado um acto estético. Corrigir o que é feio: haverá acto mais nobre?

– O seu argumento é feio mas, de certa maneira, convenceu-me. Mas vou, se me dá licença, fugir dele. E de si.

– Excelência, espere um pouco! É o que lhe digo. O que é belo atrai, o que é belo faz de nós contempladores. Diante do que é belo puxo de uma cadeira, diante do que é feio pego num pau para enxotar.

– Que horror, Excelência. Que imagem terrível! Não devemos tratar mal o que é feio, isso não é de bom-tom, nem revela bom coração.

– Bem, já falaremos sobre isso. De qualquer for-

ma, o que lhe quero dizer, Excelência, é isto: imagine que vou a andar e subitamente detenho-me...

– Detém-se?

– Detenho-me, sim, diante de um quadro belo. E fico ali com os dois olhos fixos, sentado, a olhar uma hora para ele, para o quadro belo... dois dias, duas semanas... duas semanas a olhar para um quadro belo. Como se fosse um tonto, entende?

– Entendo perfeitamente, Excelência. Como se fosse um tonto.

– E um tonto, peço desculpa por este parêntesis, porque apreciar o que é belo durante algum tempo é sensato... agora apreciar o que é belo durante muito tempo deixa de o ser. Parece estranho, mas é mesmo assim.

– Muito bem, Excelência.

– Mas deste exemplo concluo o seguinte.

– Conclui? Já?

– Eu gosto de dar um exemplo e de concluir logo a seguir. É uma metodologia pessoal.

– Sim?

– Sim. É bem mais habitual, diga-se, primeiro concluir-se e depois, de vez em quando, dar-se um exemplo... ou mesmo, quem sabe, apresentar argumentos.

– A sua metodologia, portanto, Excelência, nos tempos que correm é quase...

– Revolucionária?

– Revolucionária, sim. Apresentar um exemplo e logo depois a conclusão.

– De facto, para os tempos que correm, é uma metodologia cautelosa e lenta.

– Mas bem rápida, se compararmos com os tempos antigos.

– O mais habitual agora é argumentar-se através de conclusões.

– Exactamente.

– Eu concludo logo na primeira frase. O meu interlocutor conclui na sua primeira frase. E ficamos assim. Duas frases, duas conclusões. Um diálogo de eficácia absoluta.

– No fundo, utilizamos conclusões como se fossem argumentos e assim poupamos tempo uns aos outros.

– Em vez de trocarmos argumentos, trocamos conclusões. Não há tempo para mais.

– Estive ali a trocar conclusões – eis, portanto, o que deveríamos dizer. E não estive ali a trocar argumentos.

– Muito bem, em frente! Conclua, Excelência.

Gonçalo M. Tavares

– Pois bem, concludo então com a conclusão
abrupta, gosto delas.

– Gosta?

Dar velhos mundos ao mundo e diálogo sobre o aprofundar

1.

– «Nada se aprofunda para os lados.»

– Eis uma bela expressão popular.

– Se quiseres escavar um buraco, não o deves fazer para os lados, mas sim para baixo.

– Exactamente!

– Mas será que se pode ir mais a fundo de uma coisa subindo por um escadote? Eis a questão.

– Pode aprofundar as estrelas subindo, Excelência. Pode aprofundar o que está lá em cima, levantando a cabeça.

– Se é assim, devemos reformular a expressão popular e em vez de

«Nada se aprofunda para os lados»

podemos dizer:

«Nada se aprofunda para os lados», *mas algumas coisas aprofundam-se para cima.*

– Isso.

– Para conhecer melhor o que é baixo, deves escavar.

– Para conhecer melhor o que é alto, deves subir as escadas.

– Podemos aprofundar com uma pá ou com um escadote. São dois instrumentos que aprofundam.

– Então continuemos: para conhecer melhor o que está a dois quilómetros de mim devo avançar até lá. É isso?

– Sim.

– Se é assim, então consigo aprofundar para os lados – se o que eu quero conhecer melhor está no meu lado direito ou esquerdo...

– Exactamente. Aprofundar para os lados, uma hipótese.

– Em síntese: só se aprofunda escavando um buraco quando o que queremos descobrir está exactamente debaixo dos nossos pés.

– De resto, podemos aprofundar em todas as direcções: para baixo, para cima e para os lados.

– Até para os lados, Excelência, quem diria?!

2.

– Todos «temos um enorme passado à nossa frente». Só precisamos de fazer o movimento certo, a

rotação inteligente que nos vira para o lado que tem mais estímulos. Eis o que me parece, Excelência.

– E como é evidente não se trata de descobrir o antigo no passado, trata-se de ir ao passado para descobrir o novo. Enfim, é isso.

– Recuemos, pois, em direcção ao novo.